



**PERCURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE TREINADORES E
TREINADORAS DE BASQUETEBOL DE JOVENS**

YOUTH BASKETBALL COACHES' EDUCATIONAL PATHWAY

**PERCURSO DE FORMACIÓN PROFISIONAL DE ENTRENADORES(AS)
DE BALONCESTO DE JÓVENES**


Kaique Bueno de Camargo Favari


<https://orcid.org/0000-0003-4091-9786> 

<http://lattes.cnpq.br/1327042325503850> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)
kaiquefavari975@gmail.com


Luis Felipe Nogueira Silva


<https://orcid.org/0000-0003-0583-4445> 

<http://lattes.cnpq.br/0793380850491870> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)
luisfelipenogu@gmail.com


Mairin Del Corto Motta


<https://orcid.org/0000-0002-7917-530X> 

<http://lattes.cnpq.br/7807960880509816> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)
mottamairin@gmail.com


Luiza Darido da Cunha


<https://orcid.org/0000-0001-7692-8858> 

<http://lattes.cnpq.br/9830668781971740> 

Universidade Federal de São Paulo (Santos, SP – Brasil)
luizadarido@gmail.com

Larissa Rafaela Galatti

<https://orcid.org/0000-0003-1743-6356> 

<http://lattes.cnpq.br/3409947437523352> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)
larissa.galatti@fca.unicamp.br

Resumo

O estudo primou por verificar o percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de basquetebol de diferentes idades, que atuam em categorias de base, descrevendo aprendizagens identificadas em contextos formais, não formais e informais. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, cujas respostas foram submetidas à Análise Temática. Os resultados evidenciaram a importância dos três referidos contextos formativos nos processos de aprendizagem profissional entre homens e mulheres, ainda que tenham sido registradas diferenças relevantes entre os dois grupos; para atuarem no mesmo cargo, as mulheres apresentaram maior qualificação formal; treinadores e treinadoras mais jovens tiveram maior número de oportunidades em estágios internacionais em relação aos/às mais experientes. De todo modo, o estudo permitiu evocar, a partir dos relatos obtidos, a assertiva contribuição dos contextos de aprendizagem formais, não formais e informais na formação profissional de treinadores e treinadoras em uma modalidade esportiva coletiva.

Palavras-chave: Treinador(a) esportivo; Esporte; Pedagogia do Esporte; Aprendizagem.

**Abstract**

The study focused on verifying the youth basketball coaches's learnings, regarding different ages and sex, considering the formal, non-formal and informal contexts. For that, semi-structured interviews were carried out, whose answers were submitted to Thematic Analysis. The results showed that the three contexts were important in the professional learning processes between men and women, although relevant differences have been registered; in order to act in the same position, women needed a higher formal qualification; younger coaches have more opportunities for international internships. As a conclusion, we identified a wide range of learning acquired throughout different contexts, been the coaching practice a lifelong journey.

Keywords: Sport Coach; Sport; Woman; Sport Pedagogy; Learning.

Resumen

El estudio se centró en verificar la trayectoria de formación profesional de entrenadores y entrenadoras de baloncesto de diferentes edades, que laboran en categorías de base, describiendo los aprendizajes identificados por hombres y mujeres en contextos formales, no formales e informales. Para ello se realizaron entrevistas semiestructuradas, cuyas respuestas fueron sometidas a Análisis Temático. Los resultados evidenciaron la importancia de los tres contextos formativos referidos en los procesos de aprendizaje profesional entre hombres y mujeres, aunque se han registrado diferencias relevantes entre los dos grupos; para trabajar en el mismo puesto, las mujeres tenían calificaciones formales más altas; los entrenadores más jóvenes tienen más oportunidades en pasantías internacionales que los más experimentados. En cualquier caso, el estudio permitió evocar, a partir de los informes obtenidos, la contribución asertiva de los contextos de aprendizaje formal, no formal e informal en la formación profesional de entrenadores y entrenadoras en una modalidad deportiva colectiva.

Palabras clave: Entrenador(a) Deportivo; Pedagogía del Deporte; Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Treinadores e treinadoras, ao assumirem o papel pedagógico de mediação do ensino e aprendizagem do esporte, podem otimizar a performance individual e coletiva e influenciar positivamente o desenvolvimento integral de jovens atletas (LEONARDI et al., 2014; GALATTI et al., 2016b). Responsáveis por oferecer experiências formativas, devem se atentar à própria formação profissional, experienciando situações de aprendizagem derivadas de múltiplos cenários e contextos, como o formal, não-formal e informal (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Uma das manifestações da pluralidade de cenários de aprendizagem e desenvolvimento profissional de treinadores e treinadoras de esportes se dá pelos chamados processos de "aquisição", instante em que estes profissionais absorvem conteúdos de forma passiva, como ocorre, por exemplo, nos cursos de formação em ambientes formais, espaços institucionalizados providos de currículos costumeiramente padronizados, focados na transmissão unilateral de conteúdo; e também em ambientes não-formais, como palestras em congressos científicos e cursos de curta duração, promovidos por organizações esportivas (TRUDEL; GILBERT, 2006; NELSON et al., 2006;). Tal pluralidade pode, também, ser expressada por modelos educativos mais ativos e participativos nestes mesmos cenários, em consonância do que defendem abordagens pedagógicas centradas no aprendiz (MILISTED et al., 2018;



GALATTI; SANTOS; KORSKAS, 2019) ou em outros cenários, através de situações espontâneas, não mediadas, na internação com outros profissionais ou reflexões sobre a própria prática (RODRIGUES et al., 2016; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

Logo, os contextos formais, não-formais e informais apresentam rotas distintas e relacionáveis de aprendizagem, que podem proporcionar conhecimentos e competências variados à treinadoras e treinadores esportivos, levando em conta suas histórias pessoais, crenças, valores, locais de inserção social e atuação profissional (RODRIGUES et al., 2016; NASH et al., 2018). Galatti e colaboradores (2016) identificou que o desenvolvimento de carreiras de treinadores ocupa apenas a terceira posição dentre as cinco categorias mais investigadas pela comunidade científica brasileira. O fato chama a atenção, dentre outros fatores, porque o Brasil é uma das poucas nações em que a conclusão do ensino superior é exigência obrigatória para atuação profissional como treinador ou treinadora.

Por outro lado, pesquisas com foco no desenvolvimento de carreira e formação de treinadores e treinadoras tem ganhado, nos últimos anos, espaço em modalidades como ginástica (BARROS et al., 2017), futebol (TOZETTO et al., 2017), tênis (CÔRREA et al., 2019) e esportes paralímpicos (FACUNDO et al., 2019), bem como outros ambientes de atuação profissional, como prefeituras, clubes e programas socioesportivos (VIRGÍLIO et al., 2017; TOZETTO et al., 2019; REVERDITO et al., 2020).

No basquetebol, modalidade alvo deste estudo, também é possível verificar importantes evidências científicas no que diz respeito aos processos de formação profissional de treinadores e treinadoras: Rodrigues e colaboradores (2017) e Moletta e colaboradores (2019) descrevem que estes profissionais possuem, em sua maioria, ensino superior completo em Educação Física e carregam aprendizados constituídos em suas trajetórias de vida, seja nos contextos formais, não-formais ou informais. Os autores verificaram, ainda, tendência de maior valorização aos contextos informais e contribuições menos impactantes provindas dos contextos formais, em especial as oriundas do ambiente acadêmico.

Apesar da imposição da graduação completa em Educação Física como condição elementar para a atuação profissional legal no Brasil desde 1998, não são poucos os questionamentos, provenientes do próprio contexto universitário, quanto às garantias que o ensino superior oferece à capacitação profissional específica de treinadores e treinadoras de uma modalidade específica, dado seu caráter generalista (CUNHA, 2017; MILISTETD et al., 2017; GALATTI; SANTOS; KORSKAS, 2019). Assim, profissionais tendem a adquirir amplos



conhecimentos conceituais sobre Educação Física e o fenômeno esporte, mas tem contato pouco com conteúdos específicos de modalidades esportivas, como o basquetebol. Neste caso, vale ressaltar a escassez de espaços formativos voltados à formação específica, dado o pouco interesse, inclusive, da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) ao oferecimento de cursos para treinadores e treinadoras da modalidade (MILISTETD et al., 2016)¹.

Desse modo, é possível atestar que treinadores e treinadoras de basquetebol começaram a ter suas trajetórias profissionais e formativas investigadas pela ciência. Há, contudo, um vácuo no que tange as pesquisas que tenham diferenciado e classificado etapas das aprendizagens ao longo da vida destes profissionais ou entre aqueles e aquelas com menor ou maior faixa etária. Assim, com o intuito de contribuir para a consolidação de investigações científicas sobre as aprendizagens profissionais de treinadores e treinadoras, o estudo teve como objetivo verificar o percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de basquetebol de diferentes idades, que atuam em categorias de base, descrevendo as aprendizagens identificadas por homens e mulheres nos contextos formais, não formais e informais.

METODOLOGIA

Caracterização do estudo

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo e caráter retrospectivo, a fim de auxiliar os participantes a relatarem memórias e fenômenos pessoais, tidos como fundamentais para o desenvolvimento como treinadores e treinadoras de basquetebol (TOZETTO et al., 2017; NASH et al., 2018).

Participantes

A amostra foi intencional e teve como critérios gerais de inclusão: a obrigatoriedade de ter idade superior a 18 anos, concordar em participar da pesquisa e possuir experiência mínima de 18 meses de atuação como treinador ou treinadora de basquetebol no ambiente de iniciação esportiva ou em categorias de base. A partir destes critérios, foi determinado um

¹ Em março de 2021 a CBB lançou, juntamente com a FIBA América, um curso online voltado para profissionais interessados no basquetebol feminino, denominado " Projeto Adelante", com cerca de 60h de duração. O curso aparece na aba de notícias da entidade, visto que não há uma aba específica para cursos ou formações.



conjunto de 12 participantes, propositalmente divididos em três faixas etárias, a fim de conhecer a trajetória de homens e mulheres, mais jovens e mais velhos, como treinadores ou treinadoras de basquetebol de jovens:

- Dois treinadores e duas treinadoras com menos de 30 anos de idade;
- Dois treinadores e duas treinadoras com idade entre 30 e 50 anos;
- Dois treinadores e duas treinadoras com mais de 50 anos de idade.

Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, providas de roteiros previamente estabelecidos e com o propósito de direcionar e aprofundar a coleta de dados, garantindo, contudo, dada flexibilização que viabilizasse o acesso de informações relacionadas ao processo de formação ao longo da carreira dos treinadores e treinadoras, a partir de seus próprios relatos (TOZETTO et al., 2017; 2019).

O roteiro das entrevistas foi composto por 23 perguntas, divididas em oito grupos, para que o máximo de informações sobre as trajetórias dos participantes fossem coletadas, sendo os grupos: biografia, experiências como atletas, educação, experiências como treinador ou treinadora, experiências no atual clube, ambiente competitivo, reflexão e temas gerais.

De maneira adicional, antes de dar início às perguntas, uma linha do tempo da vida dos participantes foi feita como “ativador de memória”, a exemplo dos procedimentos adotados por Tozetto e colaboradores (2017; 2019). Na linha do tempo foram incluídas, à esquerda de uma folha em branco, o ano de nascimento do participante; e do lado direito da folha, o ano de realização da pesquisa (NASH et al., 2018). De forma livre, cada um dos participantes foi convidado a anotar datas, fatos e nomes de pessoas marcantes em suas trajetórias, que contribuíram para que se tornassem treinadores ou treinadoras de basquetebol de jovens.

Análise de Dados

As entrevistas foram gravadas em áudio, com duração média de 36 minutos cada, e posteriormente transcritas. Os dados obtidos foram analisados por meio da Análise Temática, que oferece a possibilidade de identificação de padrões (temas) de determinado conjunto de informações, e auxilia descrições e interpretações do significado e importância de um



fenômeno investigado. A Análise Temática é dividida em seis etapas (BRAUN; CLARK; WEATE, 2016):

- A etapa 1 é caracterizada pela familiarização com os dados. A etapa 2, de determinação de códigos a partir de uma leitura mais aprofundada dos dados. Foram três, os códigos assumidos a priori: aprendizagem formal, não-formal e informal. Outros códigos emergiram ao longo da análise, como um quarto, referente ao relato de treinadores e treinadoras de ausência ou não aprendizagem em dado contexto.

- Durante as etapas de 3 a 5, descritas, respectivamente, pelo desenvolvimento temático, refinamento e nomeação, foram realizados agrupamentos dos códigos em temas, de modo que, a partir do refinamento dos dados codificados e inteiros, houvesse verificação da execução das análises e se elas, de fato, representavam o problema do estudo. Em seguida, deu-se a definição dos temas, esclarecendo e refinando escopo e foco de cada um para que, assim, fosse construída uma narrativa analítica. A análise foi feita de maneira dedutiva, buscando códigos que fizessem referência aos contextos de aprendizagem formais, não formais e informais ao longo das trajetórias descritas pelos participantes, seguindo a classificação de Nelson, Cushion e Potrac (2006). Este processo foi realizado pelo primeiro autor da pesquisa, que também foi o entrevistador de cada participante. Posteriormente, ao lado da última autora, foi executada uma checagem entre pares da adequação dos temas estabelecidos pela análise dedutiva. Deste processo, de modo indutivo, a dupla de análise identificou um quarto tema, denominado "aprendizagens frágeis", que faz referência ao que os participantes sentiram falta ou classificaram como insuficientes ao longo de sua trajetória de aprendizagem no mesmo conjunto de contextos.

- Por fim, na etapa 6, a da escrita, se desenvolveu o processo de redação e edição do estudo atendendo às exigências de formatação do periódico. A categoria 'artigo original' foi escolhida, tendo em vista a apresentação dos dados em dois formatos: no primeiro, por meio de uma tabela síntese, que expressa as aprendizagens relatadas pelo conjunto de treinadores e treinadoras de até 30 anos, entre 30 e 50 anos e acima de 50 anos de idade; no segundo, por meio de apresentação de trechos das entrevistas, evidenciando depoimentos emblemáticos da discussão do artigo.

Procedimentos Éticos



O contato inicial com cada participante informou os objetivos da pesquisa, seus procedimentos, os possíveis riscos, bem como o esclarecimento de dúvidas sobre o estudo. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram realizadas, de forma presencial, as entrevistas semiestruturadas, em dia e local marcados de acordo com a preferência do treinador ou treinadora. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP com seres humanos da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (CAAE: 79823217.3.0000.5404.).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para expressar os resultados (ver quadros 1, 2 e 3), foi seguida a divisão inicialmente proposta: três grupos etários e entre mulheres e homens. Os temas foram descritos para cada contexto de aprendizagem, sendo tratados por: aprendizagens no contexto formal, aprendizagens no contexto não formal, aprendizagens no contexto informal e aprendizagens “frágeis”. As experiências de aprendizagem expressas no quadro foram citadas por, ao menos, um ou uma participante do grupo.

Quadro 1 – Temas e subtemas dos treinadores e treinadoras com idade inferior a 30 anos

Aprendizagens	Mulheres	Homens
Formal	<ul style="list-style-type: none">- Graduação em Educação Física- Estratégias de ensino com aulas na faculdade- Monitoria de disciplinas na faculdade- Pós-graduação em Educação	<ul style="list-style-type: none">- Graduação em Educação Física- Faculdade ensina a buscar soluções- Melhor referência de treino foi na faculdade- Vivências na faculdade auxiliam a virar um profissional- Matérias na faculdade- Estágio de treinador
Não formal	<ul style="list-style-type: none">- Coordena grupo de estudos- Frequenta fóruns e congressos- Extensão de esportes coletivos- Cursos da federação	<ul style="list-style-type: none">- Clínicas de Basquete em São Paulo- Cursos de formação de treinadores desde 2015
Informal	<ul style="list-style-type: none">- Competiu basquete até a faculdade- Reflexão- Assiste jogos e vídeos na internet- Influência de professores antigos- Camping na Argentina- Leitura de textos- Consolidou o que aprendeu na teoria na prática	<ul style="list-style-type: none">- Competiu basquete até a faculdade- Intercâmbios internacionais para outros clubes- Experiências vividas no dia a dia- Ensinava basquete para amigos na rua- Referências dos professores de base



Frágeis	<ul style="list-style-type: none"> - A graduação é muito pincelada, é necessário se especializar depois - Não fez workshops e clínicas - Não teve nenhum aprendizado tático em basquete - Não fez estágio em treinamento - Sente falta de troca de experiências entre técnicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Muito distante o meio acadêmico da prática - Ensinamentos da faculdade muito básicos - Não tem contato com nenhuma equipe adulta - Não fez nada de basquete na faculdade - A faculdade não dá conceitos de liderança de grupo
---------	---	---

Fonte: construção dos autores

Treinadores e treinadoras com idade inferior a 30 anos detinham graduação em Educação Física e relataram a importância do contexto universitário à atuação profissional, ressaltando, porém, limitações quanto à absorção de conhecimentos específicos da profissão neste ambiente. No referido grupo, apenas mulheres fizeram pós-graduação, monitoria, coordenadoria e frequentaram congressos para se aperfeiçoarem, embora não tenham relatado participações em workshops e clínicas. Os diferenciais marcantes dos participantes dessa faixa etária foram a realização de intercâmbios internacionais e o fato de que nenhum deles jogou basquetebol profissionalmente.

Quadro 2 – Temas e subtemas dos treinadores e treinadoras com idade entre 30 e 50 anos

Aprendizagens	Mulheres	Homens
Formal	<ul style="list-style-type: none"> - Graduação em Educação Física - Pós-graduação em Educação Física - Estágio como treinadora 	<ul style="list-style-type: none"> - Graduação em Educação Física - Mestre em Educação Física - Conhecimentos variados adquiridos nas aulas de graduação - Estágio como treinador - Professor de universidade, ajuda no planejamento
Não formal	<ul style="list-style-type: none"> - Cursos variados dentro da faculdade - Duas especializações - Cursos variados fora da faculdade 	<ul style="list-style-type: none"> - Cursos da Confederação de Basquete - Clínicas e cursos variados - Curso de arbitragem
Informal	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho do dia a dia como treinadora - Experiências de treinos que já tiveram - Busca informações em livros, internet e vendo jogos - Jogou basquete profissional (seleção) - Treinou diversos esportes até a faculdade 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogador de basquete - Conversa entre técnicos - Intercâmbios para clubes nacionais - Experiências como técnico no dia a dia - Trabalhos como auxiliar técnico. - Ser juiz de jogos ajuda a adquirir conhecimentos



Frágeis	<ul style="list-style-type: none">- Conhecimento na faculdade é muito pincelado- É difícil achar cursos e Pós-graduação em basquete- Nunca tinha montado um treino na vida- Não teve experiência com time adulto	<ul style="list-style-type: none">- A faculdade não forma treinadores- Queria ter participado de um time de alto rendimento tanto como jogador quanto técnico
---------	---	--

Fonte: construção dos autores

Treinadores e treinadoras com idade entre 30 e 50 anos, de ambos os gêneros, destacaram os estágios e os cursos pós-graduação como relevantes à prática profissional, além de terem atuado como atletas de alto rendimento no basquetebol. Os participantes dessa faixa etária demonstraram forte engajamento com contextos não formais de aprendizagem, como clínicas, cursos e *workshops*. Por fim, não foram observadas divergências significativas entre as trajetórias de homens e mulheres.

Quadro 3 – Temas e subtemas dos treinadores e treinadoras com idade superior a 50 anos

Aprendizagens	Mulheres	Homens
Formal	<ul style="list-style-type: none">- Graduação em Educação Física- Graduação em Serviço Social- Mestre- Monitora de basquete na faculdade- Estágios pela faculdade- A faculdade melhorou os critérios de ensino- Especialização de basquetebol	<ul style="list-style-type: none">- Graduação em Educação Física- Especialização dentro da faculdade- Faculdade mostra como ter postura
Não formal	<ul style="list-style-type: none">- Muitos cursos e clínicas	<ul style="list-style-type: none">- Cursos variados- Especialização no basquete e recreação fora da faculdade
Informal	<ul style="list-style-type: none">- Reflexão- Atleta de basquete (uma chegou à seleção e outra apenas universitário)- Experiência no dia a dia como treinadora- Conversas e inspiração em outros técnicos- Leitura de livros- Ver outras equipes jogando	<ul style="list-style-type: none">- Aprendeu a dar treino na prática- Influência de outros técnicos- Jogador de basquete profissional- Participação esportiva até a faculdade, principalmente futebol- Sites americanos que enviam exercícios- Reflexões
Frágeis	<ul style="list-style-type: none">- A universidade não serviu para nada, apenas para pegar diploma- O conhecimento da faculdade é muito pincelado	<ul style="list-style-type: none">- Não sai da faculdade pronto para ser treinador- A experiência esportiva ajudou pouco



	<ul style="list-style-type: none">- Queria ter tido experiência internacional- Gostaria de ter sido treinadora de adulto- Falta de recursos eletrônicos no passado	<ul style="list-style-type: none">- Na faculdade não tinha aulas na vivência como professor
--	--	---

Fonte: construção dos autores

Treinadores e treinadoras com idade superior a 50 anos relataram forte influência da universidade, mesmo salientando sua insuficiência relacionada aos conhecimentos específicos da profissão, suprida pela busca de conteúdos complementares em cursos e clínicas. Contaram que a vivência profissional e as trocas e partilhas de experiências com outros treinadores e treinadoras foram essenciais para seus aperfeiçoamentos, bem como reflexões sobre a própria prática.

As aprendizagens explanadas pelos participantes da pesquisa foram organizadas em tabelas, divididas por contextos de aprendizagem e percepções de aprendizagens frágeis de treinadores e treinadoras nos três grupos de faixas etárias listados. Na sequência, o texto busca problematizar as convergências e divergências das aprendizagens descritas em cada um dos referidos contextos. Seguindo procedimentos éticos de pesquisa, os nomes dos participantes não foram divulgados, sendo, portanto, identificados pelas siglas TH.N° (treinador homem) e TM.N° (treinadora mulher).

Aprendizagem em contexto formal

Todos os treinadores e treinadoras possuíam graduação no ensino superior em Educação Física e mencionaram que o curso agregou conhecimentos com vistas às práticas profissionais exercidas, sobretudo os atrelados às disciplinas de pedagogia, fisiologia ou psicologia, ainda que marcados por conteúdos tidos como básicos ou, em demasia, generalistas. Outros estudos suportam tal evidência, indicando que a formação inicial na graduação prioriza o desenvolvimento de profissionais com competências gerais para atuarem nas áreas da saúde, lazer e rendimento, com pouco se aprofundando em modalidades específicas (VIRGÍLIO et al., 2017; MILISTETD et al., 2017; TOZETTO et al., 2017) e não oferecendo possibilidades de aproximação com a realidade vivenciada por treinadores e treinadoras no contexto esportivo (MOLETTA et al., 2019). As falas seguintes evidenciam os achados:



TH.7: “A universidade ajuda você a conhecer metodologias, ajuda você conhecer, adquirir conhecimentos em outras áreas como é o treinamento, fisiologia, nutrição esportiva, psicologia, ela te abre um campo que a formação só de atleta não te abre, ela vem com conteúdos que ajudam na nossa formação.”.

TM.1: “[...] graduação em si eu acho que ela é muito generalista, deixa bastante vazio na formação, então se você vai para o campo do treinamento esportivo, você precisa se especializar nesse assunto depois que só com sua graduação você faz o básico, você não vai além [...]”.

Notamos maior engajamento das mulheres em atividades formativas dentro da universidade, visto que apenas elas elencaram participações em monitorias e grupos de estudos durante o processo de formação profissional. Além disso, mulheres demonstram maior participação em cursos de pós-graduação. Todas as seis entrevistadas relataram que fizeram ou estão fazendo pós-graduações e/ou especializações, enquanto entre os homens, apenas dois dos seis entrevistados chegaram ao mesmo nível.

Em âmbito geral, 66,67% dos participantes buscaram cursos de pós-graduação e/ou especialização para complementarem suas formações, denotando interesse no aprimoramento profissional e rechaçando posturas acomodativas (SCHIAVON et al., 2014). Foi evidenciada, também, a necessidade de que mulheres apresentem maior formação para exercerem cargos equivalentes aos dos homens: o cenário encontrado nas categorias de base do basquetebol se assemelha ao observado nos demais cenários de atuação da modalidade, como o universitário e o profissional, bem como em outros esportes (PASSERO et al., 2019).

Aprendizagem em contexto não formal

Treinadores e treinadoras, dos três grupos de faixas etárias estabelecidas, buscaram cursos, clínicas e *workshops*, entre outras experiências em contextos não formais, conforme expressam as falas:

TM.9: “Muito, eu fiz cursos com o treinador X, fiz curso com o treinador Y, com o professor A, o J, com o treinador H, fiz cursos com psicólogas do esporte, fui para os Estados Unidos, participei de uma oficina, de uma clínica nas universidades [...] e tudo me acrescentou muito, aprendi muito, aprendi a ser atenciosa, aprendi a trabalhar muitas habilidades com o jogador, aprendi muito, muito com os cursos [...], fiz muitos cursos e todos pagos por mim.”.

TM.2: “[...] a federação de basquete todo ano a gente tem uma atualização de clínica de técnicos, então faz uns 3, 4 anos que eu vou nesse curso de técnico no início do ano em São Paulo. Esse ano eu fui para a Argentina num camping de basquete no clube Y, passei uma semana lá estudando, vendo o trabalho deles em categoria de base [...]”.



Clubes e clínicas ofertadas por federações foram mencionados. Foram notados grandes enaltecimentos às clínicas ministradas por treinadores de destaque do basquetebol brasileiro, assim como as realizadas nos Estados Unidos – potência global da modalidade. As clínicas ministradas por pares reforçam a valorização de outros treinadores e treinadoras como fontes de aprendizagens (RODRIGUES; PAES; NETO, 2016; GALATTI et al., 2016; TOZETTO et al., 2017). Há alguns anos, a Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) deixou de oferecer cursos com tais características. Nesse sentido, os resultados do estudo fortalecem o potencial dos contextos não formais como ambiente de aprendizagem valorizado por treinadores e treinadoras, por estimular uma rede formativa de alcance nacional, passíveis de iniciativas com respaldo de federações estaduais (MILISTEDT et al., 2016) e de ações deferidas pelas próprias organizações esportivas em que treinadores e treinadoras trabalham (TOZETTO et al., 2019; GALATTI et al., 2016; 2019).

Aprendizagem em contexto informal

A literatura científica indica que as aprendizagens em contextos informais são oriundas de processos diversificados de desenvolvimento de treinadores e treinadoras, abarcando vivências recentes ou anteriores e, até mesmo, experiências periféricas e não intencionais, como as provenientes do convívio familiar e social (TOZETTO et al., 2017; TOZETTO; GALATTI; MILISTEDT, 2018). Trudel e Gilbert; (2006), Tozetto e colaboradores (2017; 2019) e Nash e colaboradores (2018) evidenciaram que vivências como atleta são fontes de aprendizagens relevantes para treinadores e treinadoras. Cunha (2017) e Moletta e colaboradores (2019), ao investigarem treinadores e treinadoras, também de categorias de base de basquetebol, reforçaram que experiências como atleta oferecem aprendizados relevantes à profissão. Dos 12 participantes de nosso estudo, apenas três atuaram como atletas profissionais; outros oito jogaram basquetebol após chegarem à universidade e apenas um não jogou basquetebol:

TH.4: “Eu joguei dos 10 anos aos 12 na escolinha, aí com 13 anos eu fui para as equipes, aí eu joguei 13, 14, 15, 16 e 17, joguei categoria de base, na época joguei até 14 anos na federação, depois o clube foi para a Associação, na época tinha bastante time forte, a Associação era um campeonato paralelo, então tinha muito time forte na Associação, hoje eu não sei como está de nível, aí depois eu fui para faculdade e aí parei de competir, treinava menos, aí depois fui só competir no final.”.



TM.5: “Eu cheguei a fazer uma seleção paulista que na época eu era juvenil, eu tinha 18 anos e na época eu ia para a seleção brasileira para jogar no Chile num campeonato que ia ter lá, acho que era mundial, não me lembro de direito, só que teve terremoto no Chile e a gente não foi e a partir daí não fui mais com o adulto para a seleção.”.

TH.11: “Joguei mais futebol [...] A experiência esportiva ajudou pouco [...]”.

A maioria dos participantes veio a praticar basquetebol apenas na universidade, indicando o potencial dos programas de esporte universitário como importante espaço de aprendizagem profissional (GALATTI; SANTOS; KORSAKAS, 2019). A carreira como atleta, desse modo, não deve ser condição necessária para que alguém seja um treinador ou uma treinadora de excelência (MILISTETD et al., 2015). Experiências prévias no esporte, todavia, contribuem com o desenvolvimento profissional, não apenas no que diz respeito aos conhecimentos específicos do jogo em questão e, sim, por ações ligadas aos conhecimentos interpessoais: seja pela capacidade de socialização com os pares ou pela percepção aguçada no trato e relacionamento com atletas, na medida em que certas situações, como tensões pré-jogo, intrigas entre colegas e suporte moral são comumente vivenciadas por jogadores e jogadores em ambientes de equipes coletivas (LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; TOZETTO et al., 2017). Por isso, insurge a necessidade, que pode ser atendida por cursos de formação, de estímulo à reflexão sobre experiências dessa natureza para o desenvolvimento profissional de treinadores e treinadoras de esporte.

Entre outras aprendizagens em contexto informal descritas, foram destacados intercâmbios, *campings* e acompanhamento de treinamentos de outras equipes com trocas de experiências com treinadores e treinadoras. Este espaço de aprendizagem entre pares, que compartilham de um mesmo interesse de práticas, atitudes, valores, crenças e conhecimentos é destacado por Tozetto e colaboradores (2017; 2019) e Moletta e colaboradores (2017). Apenas os participantes com idade inferior a 30 anos tiveram a experiência de visitarem clubes internacionais (não nos referenciamos a cursos, como destacado pela TM.9 no tópico anterior), como vemos no relato:

TH.3: “No ano passado tive a oportunidade de ir para a Argentina duas vezes no Clube X e fui para os Estados Unidos em Y, então assim, lá na Argentina tive a oportunidade de passar uma semana, nas duas vezes que fui, foi uma semana de treino que chamam de tecnificação, então é um treino técnico, é aperfeiçoamento técnico, velocidade motora, aprender habilidades, pouquíssimas situações de jogo e dentro disso a gente vê um pouco da cultura Argentina”.



Os 12 participantes deste estudo destacaram aprendizagens diárias em suas rotinas de treinos, competições e reflexões. Cientes das exigências do contexto esportivo, cada vez mais vorazes, e que exigem respostas e ações efetivas de treinadores e treinadoras, estes profissionais buscam compreender o ambiente de trabalho articulando experiências passadas com as demandas problemáticas do cotidiano para favorecerem intervenções eficazes (TOZETTO et al., 2019; MOLETTA et al., 2019; GALATTI; SANTOS; KORSAKAS, 2019).

Fomentado pela junção de vivências esportivas, imersão nas mídias digitais e partilha de experiências com os pares, o contexto informal parece propiciar um tipo de aprendizagem mais significativa para treinadores e treinadoras (RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO, 2016; CUNHA, 2017; MOLETTA et al., 2019). A notoriedade deste contexto de aprendizagem é justificada pela possibilidade de materialização imediata no campo de trabalho de muitos dos conceitos e reflexões inferidos a partir dele. Torna-se, assim, mais significativa e duradoura.

O ato de compartilhar conhecimentos e situações provenientes do campo esportivo com outros treinadores e treinadoras detém, também, papel importante no desenvolvimento profissional (CUSHION et al., 2003; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD; 2018) por fomentar, entre pares, reflexões quanto aos contextos de atuação. Os processos reflexivos, cabe dizer, são, fundamentalmente, internos e baseados em aprendizagens interiores, que acabam desafiadas por novas situações (CUSHION et al., 2003), como vemos no relato:

TH.6: “[...] não tem como a gente dizer que não muda principalmente de início você quer pôr o rendimento, você quer que o cara renda, que hoje ele faça uma coisa e amanhã ele faça melhor e no outro melhor, então no começo você fica muito focado ao atleta, depois ao longo do tempo você vai entendendo que é um ser humano [...]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, treinadores e treinadoras de basquetebol de jovens relataram que seus conhecimentos profissionais são provenientes de contextos de aprendizagem diversos. Os contextos formais de aprendizagem propiciaram experiências ricas, decorrentes de estágios no período de graduação, de cursos na pós-graduação e o exercício da docência no ensino superior. Por sua vez, cursos, clínicas e workshops, que caracterizam os contextos não formais de aprendizagem, foram citados como relevantes ambientes de formação profissional. Quanto aos contextos informais, foram destacadas aprendizagens a partir de vivências oriundas das rotinas de treinamentos e competições; as experiências como atletas foram estimuladas no



contexto universitário que, a despeito do currículo generalista, contempla, por meio do estímulo às atividades curriculares e extracurriculares, o espaço de aprendizagem para treinadores e treinadoras. No que diz respeito aos conhecimentos específicos do jogo de basquetebol, há uma demanda por parte dos profissionais acerca da promoção e instituição de escolas de treinadores e treinadoras por parte da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB), órgão que rege a modalidade no país, de federações estaduais e demais organizações esportivas.

Foram evidenciadas diferenças no que concerne ao maior nível de qualificação exigida às mulheres em relação aos homens para que assumam cargos equivalentes no basquetebol de jovens. Outra dessemelhança encontrada foi a tendência, que parece recente, entre treinadores e treinadoras abaixo dos 30 anos em buscarem estágios no exterior visando o desenvolvimento profissional, em relação aos pares mais velhos.

De modo geral, pode-se inferir que a atuação profissional no basquetebol de jovens demanda um grande leque de aprendizagens, fomentadas em variados contextos. Desse modo, não é possível indicar um perfil ou trajetória recomendada de desenvolvimento, haja vista que os conhecimentos profissionais são provenientes da interação individual de cada treinador e treinadora com seus respectivos contextos de aprendizagem e incorporados pelas oportunidades de suas aplicações nos ambientes de trabalho. Assim, é factível reconhecer o basquetebol como um meio multidisciplinar, sendo treinadores e treinadoras responsáveis por personificar a gama de conhecimentos profissionais que se desenvolvem, se encadeiam e, ao considerar o ser humano como alguém inacabado, se ressignificam ao longo de toda a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Thaís Emanuelle da Silva de e colaboradores. As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística. **Pensar a prática**, v. 20, n. 3, p. 446-460, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 7, de 5 de abril de 2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2004.



BRAUN, Virgínia; CLARKE, Victoria; WEATE, Paul. Using Thematic Analysis in Sport and Exercise Research. In: SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. (Orgs.) **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**. p. 191-205; Londres, England: Routledge, 2016.

CORTELA, Caio Corrêa e colaboradores. Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis. **Caderno de educação física e esporte**, v. 17, n. 1, p. 167-178, 2019.

CUNHA, Luiza Darido da. **Trajatórias de aprendizagem dos treinadores de basquetebol atuantes nas instituições de esporte em Franca-SP**. 2017. 149f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2017.

CUSHION, Christopher J.; ARMOUR, Kathy M.; JONES, Robin. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, v. 55, n. 33, p. 215-230, 2003.

FACUNDO, Lucas Alves e colaboradores. Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paralímpico. **Movimento**, v. 25, p. 25034, 2019.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Coaching in Brazil sport coaching as a profession in Brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. **International sport coaching journal**, v. 3, n. 3, p. 316-331, 2016a.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Coaches' perceptions of youth players' development in a professional soccer club in Brazil: paradoxes between the game and those who play. **Sports coaching review**, v. 5, n. 2, p. 174-185, 2016b.

GALATTI, Larissa Rafaela; SANTOS, Yura Yuka Sato dos; KORSKAS, Paula. A coach developers' narrative on scaffolding a learner-centred coaching course in Brazil. **International sport coaching journal**, v. 6, n. 3, p. 339-348, 2019.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Scaffolding a club philosophy among coaches: perspectives from a spanish club. **Revista de psicología del deporte**, v. 28, n. 3, p. 24-29, 2019.

LEONARDI, Tiago José e colaboradores. Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 13, n. 1, 2014.

LEMYRE, François; TRUDEL, Pierre; DURAND-BUSH, Natalie. How youth-sport coaches learn to coach. **Sport psychologist**, v. 21, p. 191-209, 2007.

MILISTETD, Michel e colaboradores. The learner-centred status of a Brazilian university coach education program. **International sport coaching journal**, v. 5, n. 2, p. 105-115, 2018.

MILISTETD, Michel e colaboradores. Formação de treinadores esportivos: Orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal of physical education**, v. 28, n. 1, p. e2849, 2017.



MILISTETD, Michel e colaboradores. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports coaching review**, v. 5, n. 2, p. 138-152, 2016.

MOLETTA, Andréia Fernanda e colaboradores. Treinadores (as) de basquetebol de Santa Catarina: o desenvolvimento da aprendizagem formal, informal e não-formal. **E-Balonmano: revista de ciencias del deporte**, v. 15, n. 3, p. 197-206, 2019.

NASH, Christine e colaboradores. The coaching journey: learning as lifelong and life-wide. In: THELWELL, Richard; DICKS, Matt (Orgs.). **Professional advances in sports coaching: research and practice**. Londres, England: Routledge, 2018.

NELSON, Lee; CUSHION, Christopher J.; POTRAC, Paul. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualisation, **International journal of sports science and coaching**, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

PASSERO, Júlia Gravena e colaboradores. Gender (in) equality: a longitudinal analysis of women's participation in coaching and referee positions in the Brazilian Women's Basketball League (2010-2017). **Cuadernos de psicologia del deporte**, v. 19, p. 252-261, 2019.

REVERDITO, Riller Silva e colaboradores. Coaching and continuity make a difference: competence effects in a youth sport program. **Journal of physical education and sport**, v. 20, n. 4, p. 1964-1971, 2020.

RODRIGUES, Heitor de Andrade e colaboradores. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 100-118, 2017.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; PAES, Roberto Rodrigues; NETO, Samuel Souza. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 509-521, 2016.

SCHIAVON, Laurita Marconi e colaboradores. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do estado de São Paulo. **Pensar a prática**, v. 17, n. 3, p. 618-635, 2014.

TOZETTO, Alexandre Vinícius Bobatto; GALATTI, Larissa Rafaela; MILISTETD, Michel. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar a prática**, v. 21, p. 207-219, 2018.

TOZETTO, Alexandre Vinícius Bobatto e colaboradores. Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. **Motriz**, v. 23, n. 3, p. 1-9, 2017.

TOZETTO, Alexandre Vinícius Bobatto e colaboradores. Strategies for coaches' development in a football club: a learning organization. **Motriz**, v. 25, n. 2, 2019.

TRUDEL, Pierre; GILBERT, Wade. Coaching and coach education. In: KIRK, David; MACDONALD, Doune; O'SULLIVAN, Mary M. (Orgs.). **The handbook of physical education**. Londres, England: Sage, 2006.



VIRGÍLIO, Ana Carolina Seragi e colaboradores. Aprendizagem de treinadores esportivos: fontes de conhecimento e prática profissional nos jogos esportivos coletivos. **Journal of sport pedagogy and research**, v. 3, n. 2, p. 20-26, 2017.

Dados do primeiro autor:

Email: kaiquefavari975@gmail.com

Endereço: LEPE – Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte, Rua Pedro Zaccaria, 1300, Limeira, SP, CEP: 13484-350, Brasil.

Recebido em: 07/11/2020

Aprovado em: 24/04/2021

Como citar este artigo:

FAVARI, Kaique Bueno de Camargo e colaboradores. Percurso de formação profissional de treinadores e treinadoras de basquetebol de jovens. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 2, p. 53-70, mai./ ago., 2021.